

A DIMENSÃO INTELECTUAL DA FORMAÇÃO PRESBITERAL PARA UMA MISSÃO SEM FRONTEIRAS

Pe. Almir Magalhães*

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão toma como ponto de partida alguns elementos da situação atual da sociedade moderna e ‘pós-moderna’, com as suas implicações e desdobramentos na ação pastoral-missionária. São elementos já bastante conhecidos, mas as inúmeras propostas de saídas expressas pelo Magistério da Igreja não estão encontrando berço que as acolha.

O próprio documento de Aparecida chama a atenção para este fato quando tipifica esta situação como ARMADILHA; vejamos o texto:

“O mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente”.¹

Dialogando com o texto, gostaria de ampliar esta grande referência ‘armadilha’, embora ela se situe como referência maior, ou seja, “fechar-nos em nós mesmos” o que já seria um grande impedimento para assumir esta consciência missionária, e identificar outras ‘armadilhas’ que, sem dúvidas impedem à Igreja de se realizar na sua identidade e compreensão caracterizada pela ‘natureza missionária’ e tem muito a ver com a dimensão objeto de reflexão deste texto.

Identifico estas outras armadilhas ou situações, sempre relacionando-as com o tema desta reflexão: a armadilha do individualismo, da secularização, do atual estilo religioso da sociedade pós-moderna, da sociedade da comunicação e do espetáculo.

Com certeza, uma dimensão intelectual bem sedimentada, pode ser o instrumento de reviravolta para superar a situação que hoje vivemos.

2. AS ARMADILHAS QUE BLOQUEIAM A DIMENSÃO MISSIONÁRIA

Na verdade, a primeira armadilha é aquela já citada pelo Documento de Aparecida, e que dá o mote desta reflexão e se situa no âmbito do ‘**fechamento em si mesmo**’. Ela está muito ligada ao exacerbado individualismo da sociedade moderna e pós-moderna e que transborda para o cotidiano de nossos Agentes de Pastoral, formando assim o individualismo grupal. Cada movimento, grupo, pastoral e comunidades se tornaram tarefeiros, cumpridores de tarefas. Fecham-se no seu pequeno mundo, não olham para o lado e o pior, às vezes se tornam competitivos.

Como também nós padres somos Agentes de Pastoral e com uma missão bem específica, nos fechamos num mundo maior que é a Paróquia e a Paróquia de manutenção, de atividades rotineiras, cumprindo calendário de atividades e não um programa de evangelização. Aliás, o Documento de Aparecida é prolixo em indicações de uma renovação da atual configuração paroquial que temos, mas por enquanto é apenas indicação.

¹ Documento de Aparecida, n. 376

Uma outra armadilha que se nos apresenta é a da **‘secularização’**. Não podemos identificá-la apenas como negativa, porquanto nos faz lembrar a autonomia das realidades, terrestres, a emancipação da razão autônoma, separação da Igreja e do Estado ou emancipação da esfera política da esfera religiosa e sem dúvidas constitui-se como um avanço da civilização e esta separação pode e deve conviver de modo saudável através do reconhecimento do papel público das religiões o que as vezes não acontece. O período de crmandade pelo menos oficialmente já foi superado com a realização do Concílio Vaticano II. É evidente que uma mentalidade de tantos séculos não se apaga como quem deleta frases ou textos. Exige tempo. É aqui que há a necessidade de muito diálogo, porque no período em apreço Igreja x Estado conviviam de uma forma simbiótica e a Igreja acabava sendo a grande formadora de opinião. Hoje a sociedade é laica, caracterizada pela ‘autonomia das realidades terrestres’, não precisa pedir licença à Igreja para normatizar a vida de seus membros. Acontecem alguns exageros na sua efetivação, na medida em que autonomia não dispensa a democracia, escutar os atores importantes da sociedade.

O problema em si não é a secularização, mas sua efetivação distorcida no **secularismo** que concebe a organização da vida sem Deus, sem religião. O desafio aqui é como criar uma consciência pastoral-missionária numa sociedade que se constrói sem Deus? Percebe-se que os desafios se multiplicam.

Um capítulo à parte nesta visão de armadilhas é a **situação religiosa**. As atuais Diretrizes Gerais (2008-2010), afirmam:

“A mentalidade individualista também se alastrou no campo religioso. O indivíduo sempre mais escolhe sua religião num contexto pluralista. Mesmo aderindo a uma tradição ou a uma instituição religiosa, tende a escolher crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa adesão parcial, com fraco sentido de pertença institucional. Ou, ainda, procura construir, numa espécie de mosaico – sua religião pessoal com fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões... Constatamos também a tendência à inversão de sentido da experiência religiosa. Neste caso, a religião deixa de ser pensada e vivida como uma forma de reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, obediência na fé, serviço a Deus e vivência comunitária. É vista numa ótica utilitarista, por oferecer bem estar interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios, como aparece na chamada ‘teologia da prosperidade’. Nessa modalidade, a religião se torna muito procurada, inclusive pela *mídia*. Esta acaba por banalizar a religião, reduzi-la a mais um espetáculo para entreter o público. Faz-se presente uma crescente tendência, em alguns setores da sociedade, em admitir a prática religiosa apenas na esfera privada... Há igualmente, em novas expressões religiosas, uma tendência generalizada, inclusive por influência de certos psicólogos, a afirmar sem mais a inocência dos indivíduos, de modo que ninguém deve se sentir pecador ou culpado. Outros grupos religiosos atribuem toda a culpa aos demônios ou aos espíritos malignos. Há, todavia, movimentos religiosos autônomos que, através de proselitismo, enganam com a chamada “teologia da prosperidade”. Conseqüentemente, ninguém se sente responsável por corrigir o que está errado na sociedade, na qual convivem, estranhamente, muita religiosidade e muita criminalidade, busca de Deus e injustiça”.²

Seguindo a mesma linha de pensamento, encontramos no seio da Igreja Católica alguns elementos deste perfil, considerados como muito adequados para a sociedade pós-moderna. Com ele encontramos os novos movimentos eclesiais e novas comunidades. Aqui também a CNBB já refletiu sobre estas novas experiências no seio da comunidade eclesial, colocando as contribuições e desafios, lembrando entretanto

² CNBB-Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, Doc. 87, nn. 38-40.

que “A grande contribuição das novas comunidades a uma nova evangelização, não está, contudo, isenta de riscos de espiritualismo e sentimentalismo”.³

O Instituto Nacional de Pastoral, no período de 27 -30.08.08 realizou um Seminário sobre o tema: “Igreja: Comunidade de comunidades”, cujos resultados foram registrados num livro⁴, ao refletir sobre as Comunidades Emocionais, afirma que “ a experiência emocional exerce uma real sedução. “Vou onde me sinto bem”, “vou onde eu gosto”. Aí se revela o perigo da redução da experiência religiosa ao emocional, sem compromisso com a comunidade de fé e com a transformação do mundo. Chega-se então à comunidade ‘self-service’, ao supermercado da fé e à religião mágica.”⁵

Esta temática é muito forte hoje e é justamente aqui que vamos encontrar também uma grande armadilha para nós padres e os futuros padres, com desdobramentos fortíssimos no horizonte missionário. Este estilo hegemônico tem atraído sobremaneira as novas gerações. É caracterizado por uma forma light de entender a religião e a Igreja conforme citado anteriormente, como um *entretenimento*. A formação tanto no seminário como acadêmica, tem se evidenciado impotente para reverter este quadro, porquanto grande parte dos seminaristas são oriundos destas novas experiências e acabam “passando uma chuva protegido com capa no seminário” e saem do mesmo jeito no final do processo. É uma constatação evidente e de que somos testemunhas. A incidência de uma mentalidade da natureza missionária da Igreja não consegue penetrar, em detrimento de estilos missas-shows, ou outros nomes que queiramos atribuir. “o seminarista passa pelo seminário mas o seminário não passa pelo seminarista.”

O tema da religiosidade acaba, como já se pode perceber, assimilando uma das características da sociedade atual que se transformou na **sociedade do espetáculo**⁶ e que acaba por exercer uma grande atração e fascínio sobre as pessoas.

Como afirma o Filósofo cearense Manfredo Oliveira,

“sensacional é aquilo que é capaz de seduzir as massas e constitui uma válvula de escape para as possíveis frustrações; notícias não são simplesmente transmitidas, mas produzidas justamente na perspectiva de chamar atenção. Sensação se faz uma necessidade vital: a luta por aparecer é uma luta contra a insignificância. Daí a radical inversão: o “transmitir, porque importante” transforma-se em “é importante, porque transmitido”, ou seja, precisamente em virtude do fato de que algo seja transmitido, considera-se que ele diz respeito a todos, o que também conduz a uma espetacularização dos fatos sociais. Pessoas, acontecimentos e produtos que provocam maior fascínio e espanto são reconhecidos como algo singular: “aquilo que não se destaca na massa de ofertas não vende, pois não é verdadeiramente percebido. O que não é percebido é um nada; quem não é percebido é um ninguém”⁷

Continua Pe. Manfredo Oliveira:

³ CNBB, Subsídios Doutrinários n.º 3 – Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades, Paulinas, 2005, p. 25.

⁴ CNBB, Igreja, Comunidade de Comunidades: experiências e avanços, Coleção Projeto Nacional de Evangelização – O Brasil na Missão Continental, Subsídio n. 5, 2009.

⁵ Cleto Caliman, SDB, Comunidade e Comunidades emocionais, in, Igreja, comunidade de comunidades... pp. 95-96.

⁶ Remeto ao excelente livro de Debord, a Sociedade do Espetáculo - comentários sobre a sociedade do espetáculo, Contraponto, 1997.

⁷ Oliveira, M.A. de. Ética, Direito e Democracia, Paulus, 2010, 352-353.

“Quem não é percebido literalmente não é em nossas sociedades da comunicação. Trata-se aqui da primeira afirmação da ontologia da época microeletrônica. É por esta razão que hoje tudo da vida humana é mostrado sem qualquer escrúpulo: sofrimento, horror, morte, desespero, sexo. Tudo na vida real é exibido, inclusive a intimidade, a miséria humana. A sobrevivência é agora conquistada através da “estética”, da manifestação, do parecer da impressão que se causa: precisamente nisso consiste a sociedade da sensação, o que conduz a uma questão grave: o bem e o mal deixam de ser uma questão ética para se transformar numa questão estética, e o estético se transforma na questão decisiva para ser ou não, já que em nossa sociedade ser é aparecer. O que não choca, o que não chama atenção não presta, não é e deve ser substituído por uma nova imagem. O que não é percebido torna-se marginalizado, não possui direito à existência.”⁸

3.A FORMAÇÃO INTELECTUAL NA FORMAÇÃO PRESBITERAL PARA UMA MISSÃO ALÉM FRONTEIRAS.

Colocados os pressupostos para chegarmos a nosso tema central, vale afirmar que estes pressupostos são ao mesmo tempo armadilhas e desafios. Se cairmos nas armadilhas continuaremos construindo uma Igreja de manutenção, dando respostas para uma sociedade que mudou e continua mudando profundamente, como se estivéssemos no período de Cristandade (Era Constantiniana). Se enfrentarmos os desafios, não nos fecharmos em nossos mundos, não cairemos na acomodação, no imobilismo.

Numa sociedade do conhecimento, é inevitável que coloquemos a formação intelectual no centro das atenções, não como uma expressão que leve à vaidade, mas que nos qualifique para uma compreensão e prática missionária, tanto na configuração eclesial básica que é a Paróquia, como também numa compreensão universal, além fronteiras.

Cada vez mais somos convidados a sair de uma prática autoritária, que só evidencia a nossa incapacidade de pensar, dialogar e argumentar o que conduz inevitavelmente a uma visão mais positiva da dimensão intelectual.

Não podemos esquecer que a dimensão intelectual ajuda no espírito crítico, numa sociedade que manipula as consciências. Neste sentido o principal papel da educação, e para o nosso caso, tanto no seminário como na Academia *é fazer pensar* e a Filosofia deve exercer aqui um papel fundamental, porque pensar é duvidar e criticar, passar pelo crivo da razão os conteúdos que vão sendo veiculados na Academia e na sociedade; negativamente não é reproduzir ou repetir.

Segundo Libânio, Vivemos a cultura da informação, pois,

“estamos diante de uma geração que aprende muito. Nunca as anteriores tiveram as mesmas facilidades de informação. A aceleração das publicações de todo tipo nos assombra...A inteligência e a memória navegam com a velocidade parecida com a da luz, de modo que nada se lhe adere. É a pura sensação. Adrenalina em vez de pensamento. Nesse momento, entra o que significa

⁸ Oliveira, M.A. de. *Ética...* pp. 354-355

“aprender a conhecer”, “aprender a pensar”. Algo bem diferente de restringir-se a frequentar essas fontes borbulhantes de informações, embora isso faça parte do aprendizado atual. Exige-se outro tipo de registro mental”.⁹

Aprender a conhecer segundo E. Morin é superar a tendência atual da hiperespecialização, da fragmentação, da separação, da compartimentação dos saberes e das disciplinas, para pensá-las de maneira polidisciplinar, transversal, multidimensional, transnacional, global, planetária.¹⁰ Na medida em que o pensar polidisciplinar, conforme acenado anteriormente, necessita da ajuda de várias ciências, é preciso realizar conexões.

Por isso, “nada melhor na formação que incentivar as pessoas a fazer perguntas a si, às suas convicções, às suas evidências e ao mundo fechado que se lhe impõe. Trata-se de ensinar a arte e a aptidão para a problematização.”¹¹ Na sociedade plugada, da telinha percebe-se cada vez mais que tudo contribui para não se problematizar, questionar, pensar. Quando questionados preferem ficar na defensiva, considerando os interlocutores como “inimigos”.

O que este registro tem a ver com o nosso tema? Que tudo o que nós aprendemos, as chaves de leitura apreendidas na Academia devem convergir para conexões, para a nossa capacidade de síntese e de direcionamento para a missão, para a “natureza missionária da Igreja”, a sua catolicidade, fazendo a síntese entre o local e o global, a missão sem fronteira.

Aliás, estas reflexões também encontram eco nas Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, texto ainda para ser publicado pela CNBB, quando trata da Formação Pastoral-Missionária, afirma: “No que se refere ao aspecto teórico, deve-se insistir sobre algumas perspectivas de grande relevância para a habilitação pastoral-missionária dos estudos acadêmicos”.¹²

Dentre estas perspectivas de grande relevância, no mesmo número, afirma:

1. Os estudos filosóficos e teológicos tenham um *claro direcionamento pastoral e missionário* (destaque meu) por se destinarem à formação dos pastores do Povo de Deus. Esse pressuposto básico em nada empobreça os estudos teológicos ou prive os formandos dos instrumentos teóricos necessários e indispensáveis para interpretar o dado revelado e para munir a prática pastoral das chaves de compreensão da realidade, que iluminadas pela fé, garantem a qualidade e a efetivação da ação evangelizadora da Igreja.¹³

Quando trata da formação intelectual, colocando fundamento e finalidade, diz:

“A formação intelectual, como as demais dimensões, orienta-se a formar pastores do Povo de Deus, a exemplo de Jesus Cristo, os quais se caracterizam como discípulos-missionários, servidores cheios de misericórdia. “Com essa finalidade, a formação intelectual, embora possua a sua especificidade, liga-se profundamente à formação humano-afetiva, espiritual e pastoral-missionária, a ponto de se constituir uma expressão necessária... No contexto da formação dos presbíteros, a atenção e o apreço pela dimensão intelectual é uma

⁹ Libânio, J.B., A arte de formar-se, Edições Loyola, 2001, pp. 17-18.

¹⁰ E. Morin, a cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, p. 13.

¹¹ Libânio, J.B., A arte... p. 23

¹² Documento citado ainda para ser aprovado pela Cúria Romana, texto apresentado na 48ª. Assembléia Geral da CNBB, 4-13. 05.2010, nº. 314.

¹³ Diretrizes para a formação dos presbíteros..., 314, 1.

questão de fidelidade a Deus, fidelidade ao seu povo, fidelidade a si mesmo, e um modo singular de viver o discipulado”¹⁴

Na realidade, as Diretrizes que estão para serem aprovadas são taxativas ao afirmarem que,

“a situação atual, marcada simultaneamente por uma busca diversificada de expressões religiosas e por uma desconfiança nas capacidades da razão, e ainda por uma mentalidade técnico-científica que ignora as questões éticas e religiosas, exige um nível excelente de formação intelectual”¹⁵

Continua o documento citado afirmando que “ as circunstâncias atuais e os desafios da evangelização, exigem presbíteros especialmente qualificados e competentes”¹⁶ , apontando ainda para o “ discipulado e a missão que devem dar sentido ao processo formativo, determinando seu conteúdo, seus procedimentos, sua pedagogia...”¹⁷

Fator fundamental na formação presbiteral para uma missão além fronteiras é uma reta compreensão da inculturação no processo de evangelização, a fim de não cairmos nos equívocos do passado e que se repetem no presente, com a pastoral de manutenção. Neste nível as transferências paroquiais existem e os protagonistas das mesmas passam de uma realidade para a outra como se estivessem na situação anterior.

Concluo esta parte reafirmando o papel central de uma CRISTOLOGIA KENÓTICA (Fil. 2,6-11) que não poderia faltar na formação presbiteral, como formadora de uma consciência de despojamento, de desapegos, de se abrir para a compreensão de que a formação não se limita a formar futuros párocos e abri-se para outros serviços, para a missão sem fronteiras.

Ressalte-se que esta Cristologia pode ajudar a superar esta visão hegemônica atual, de pensar no sucesso, nas questões materiais, na fama, de imitação dos padres mediáticos.

4. CONCLUSÃO

Ao concluir esta abordagem e revisitando-a, pode-se afirmar que no percurso para a construção de uma mentalidade missionária para além dos próprios muros dos grupos, dos movimentos, novas comunidades, pastorais, paróquias, áreas pastorais é inevitável estar atento a algumas armadilhas que nos assediam e que a própria cultura da sociedade atual podem favorecer a cairmos num fechamento e imobilismo, destacando entre estas armadilhas aquela que diz respeito à situação religiosa, sem esquecer, evidentemente as outras.

Estas armadilhas se revestem hoje de uma singularidade se não nos deixarmos envolver pelo clima ‘pós-moderno’ marcado pela sociedade e o homem light, com todas as características daí decorrentes, profundamente prejudiciais para a construção de uma Igreja ‘ad-extra’ e que, quando se volta sobre si mesma é para ter consciência de sua natureza missionária, de sua preocupação para além do seu pequeno mundo e voltar-se para uma missão além fronteiras. Estas armadilhas são singulares porque nos dão elementos de leitura para consolidarmos nossa identidade de cristãos.

Sem sombra de dúvidas, a formação Acadêmica se reveste, no atual contexto, de uma importância vital para sermos capazes de fazermos a leitura de um mundo que mudou e continua mudando, tanto para sermos capazes de dialogar com ele, como também para identificarmos nele os elementos que nos afastam de nossa missão,

¹⁴ Diretrizes... nº. 323

¹⁵ Diretrizes... nº. 325

¹⁶ Diretrizes... nº 50

¹⁷ Diretrizes,,, nº 51

recuperando a tensão escatológica do ‘já-ainda não’, para a construção do Reino de Deus, na universalidade da missão da Igreja.

A Dimensão Acadêmica deve ajudar a pensar, a cultivar o escaneamento, passar pelo crivo da razão de tudo aquilo que nos é ofertado. Lamentavelmente, para sermos realistas, vivemos numa situação eclesial marcada pelo medo e a submissão à autoridade a que se está subordinado imediatamente. Talvez esta realidade não bloqueie o raciocínio, mas bloqueia as expressões e acabamos nos tornando Agentes que pensam pequeno e nos “corredores”. Este medo, em alguns casos paralisa a capacidade de pensar, de articular novas convicções e práticas, fazer síntese de tudo aquilo que é passado na Academia.

Concluo reafirmando a existência de três grandes problemas ou desafios da dimensão intelectual aqui refletida:

O primeiro diz respeito ao direcionamento ao ‘claro direcionamento pastoral missionário que deve tomar os estudos filosóficos e teológicos’. Para tal seria necessário que os professores realizassem a conexão na linha missionária, diante de uma “suposta” fragmentação dos referidos estudos, como também os seminaristas exercitem capacidades sintéticas na perspectiva da missão.

O segundo, a atual configuração eclesial que temos, especialmente as Paróquias de manutenção, que não absorveram as mudanças, ainda tem um perfil muito ligado à cristandade e são nelas que nossos seminaristas realizam suas experiências pastorais, prefigurando-se, portanto, um fortalecimento deste estilo.

O terceiro, a situação religiosa atual, também presente na Igreja Católica, com seus movimentos, novas comunidades, comunidades emocionais, que gravitam em torno do próprio umbigo, extensivo também a outros grupos, pouco ligados às questões sociais e missionárias.

Temos que buscar respostas tanto na comunidade acadêmica como na comunidade seminarística.

Um Bom retorno às atividades após este Congresso Missionário.

Perguntas para a reflexão

1. Quais as maiores dificuldades e riquezas que vocês encontraram na dimensão intelectual?
2. Em que sentido a dimensão intelectual absorve as outras dimensões da formação? Tem alguma sugestões?
3. As armadilhas que foram apresentadas esta manhã se concretizam na experiência de vocês? Existem outras e o que estão fazendo para superá-la?

* **Pe. Almir Magalhães** é Padre da Arquidiocese de Fortaleza, Diretor-Geral e Professor da Faculdade Católica de Fortaleza, Reitor do Seminário Arquidiocesano de Filosofia, Assessor da CNBB – Nordeste I e Mestre em Missiologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.